

# O nível de salários agrava crise entre Argentina e o FMI

**HUGO MARTINEZ**  
Nosso correspondente

**BUENOS AIRES** — O nível salarial transformou-se num dos eixos sobre os quais gira toda a divergência entre a Argentina e o Fundo Monetário Internacional. Para alguns analistas, o salário médio da economia argentina e o consumo de bens dele resultante não permite uma poupança interna suficiente para enfrentar o pagamento da dívida e, por essa razão, precisa ser reduzido.

Outros economistas consideram que um salário de US\$ 87,00 mensais está abaixo dos níveis históricos do país, "como demonstra a dramática sucessão de greves e protestos sociais limitados", afirmou um funcionário do Banco Central entrevistado pelo Estado. A discussão, embora pareça acadêmica, ganha importância quando se considera que faltam apenas oito dias para o vencimento do prazo de renegociação da dívida argentina (ou do pagamento de US\$ 500 milhões aos bancos credores) e ainda não se sabe qual será o desenlace dessa discussão.

Para os que consideram muito alto o salário médio do país, a estratégia deve ser a imediata aceitação das políticas ortodoxas de ajuste da economia exigidas pelo Fundo Monetário Internacional. Para os que consideram que o atual nível salarial chegou ao mínimo suportável, uma política recessiva conduzirá ao caos político e social.

## "QUEREMOS COBRAR"

"Nós, sobre todas as coisas, queremos cobrar", afirma, sem nenhuma cerimônia, um banqueiro integrante

do comitê de assessoramento da dívida externa argentina, que reúne 320 bancos internacionais. O chefe desse comitê é William Rhodes. Mesmo diante desse realismo financeiro que os leva a aceitar o fato de que os países latino-americanos não podem pagar a dívida e têm de refinanciá-la, os banqueiros não pretendem envolver-se na discussão entre o governo e o FMI. Para eles, é preferível evitar esse envolvimento se tiverem a oportunidade de receber.

Antonio Cafiero, ex-ministro da Economia de Isabelita Perón, definiu a atual situação da seguinte maneira: "Tanto os Estados Unidos quanto a Argentina suportam pressões dentro de suas próprias estruturas para aceitar ou repelir o enfoque do FMI". Cafiero é de opinião que os banqueiros não estão em posição de absoluta fidelidade em relação ao Fundo Monetário Internacional, seu tradicional síndico.

## MUDANÇAS

Um jornal de Buenos Aires previu alterações na direção do setor econômico governamental, qualquer que seja o resultado das negociações. Se for aceita a metodologia do FMI, deverão deixar seus cargos vários técnicos da Secretaria de Planejamento, autores da última carta de intenção (unilateral) enviada ao organismo.

Caso prevaleça a posição atual do governo Alfonsín, é provável que o presidente do Banco Central deixe o seu posto, uma vez que ele vê, na nova carta de intenção, o principal germe de uma possível hiperinflação, semelhante à que assolou a Alemanha depois da 1ª Guerra Mundial.